

NANO-PODER

Claudio Donato

DEDICATÓRIA

Dedico este ensaio filosófico ao meu querido irmão Joaquim Donato, que manifestou interesse por este tema e por minhas incursões ao mundo invisível para buscar as coisas infinitamente pequenas que, em pensadas, se transformam em coisas grandiosas.

NANO-PODER

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou integral sem a prévia autorização do autor.

Claudio Donato

Claudio Donato

NANO-PODER



Claudio Donato é filósofo, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estudioso de metafísica, ontologia e fenomenologia.

Sobre e sob o fio da tradição filosófica fenomenológica: *Claudio Donato* foi aluno de *Luiz Hebeche*, que foi aluno de *Ernilo Stein*, que foi aluno de *Martin Heidegger*.

INTRODUÇÃO

Cibernética já se referiu ao controle e governo (direção) de embarcações, por exemplo. Mas isso era num tempo grego e antigo. Hoje, a cibernética se refere ao sistema de controle de informações.

Qual a maneira mais eficaz de postularmos uma coisa como verdade? Transformamos esta coisa em informação. Assim, substâncias orgânicas (vivas) ou físico-químicas são chamadas de “códigos”. Não por acaso são codificadas: ao codificar algo orgânico eu transformo a vida em número. E o que é mais exato e verdadeiro do que o número?

O código genético do DNA é tido como exato e, portanto, irrefutável. Sabe-se que existe uma margem de erro num tal cálculo; contudo, em tempos de quantidades e quantificações, a estatística basta. De modo que, de antemão, a margem de erro é logo desprezada. Do mesmo

modo que desprezamos o lixo e as sobras: obsolescências.

Estive pensando sobre a “microfísica do poder”, de Foucault, que tanto me inspirou (e ainda inspira), como crítica das relações de poder (relações de saber) que eram visíveis nas engrenagens sociais, culturais, econômicas, institucionais e “psiquiátricas”. Eram visíveis porque eram engrenagens: compunham-se estruturalmente numa certa mecânica.

A mecânica da máquina ampliou-se infinitamente, tanto do ponto de vista macro, quanto do ponto de vista micro. Diante da escassez de matéria-prima (o planeta Terra ficou pequeno demais para os domínios e dominações do poder e do saber humanos), o ser humano passou, então, a colonizar espaços fora do nosso planeta. Do ponto de vista micro, a “microfísica do poder” já se pode denominar nano-física do poder ou nano-poder: é que as engrenagens mecânicas se transformaram em “engrenagens” ou engenhos cibernéticos. As trocas substanciais entre as células perderam sua

cor e vigor (vitalidade) em favor de uma troca compreendida como troca de informação. Não é que Foucault tenha se tornado ingênuo ou obsoleto, mas sim as relações de poder é que são outras: gigantescamente maiores (colonização espacial) e gigantescamente menores (observação, quantificação e codificação das substâncias vitais que, agora, ganham uma visibilidade microscópica e macroscópica). O invisível se torna visível não somente porque são observados, mas, principalmente, porque são manipulados como informação e, assim, ganham um estatuto de verdade.

Na contramão e paralelamente ao nanopoder, um poder quase invisível e, exatamente por isso, não menos efetivo e perigoso, a cibernética nos apresenta, atualmente, a expansão do mundo em virtualidades. No mundo virtual, a realidade altera e suprime limites e distâncias. No automatismo e imediatismo das experiências virtuais, a invisibilidade ganha supervisibilidade e a distância se transforma em superaproximação em

tempo e espaço. Na superaproximação, contudo, tempo e espaço são subvertidos e, sem a reflexão filosófica, o tempo e o espaço (ou seja, a aproximação) sequer são experimentados em sua essência e vigor.

Visão periférica e panorama: do visível e do invisível

Quiasma é um conceito tratado filosoficamente por Merleau-Ponty em seu livro “O Visível e o Invisível”. Um exemplo “quiasmático”: para haver *praia* faz-se mister haver pelo menos *areia* e *água*. Uma praia, portanto, é sempre, antes de ser uma simples junção ou conjunção de areia e mar, um panorama.¹

Hegel pensava que o espírito que se dobra e se desdobra sobre si mesmo (*Aufhebung*) tornaria e retornaria a cada “iteração” e reiteração uma imagem mais nítida de si mesmo e que, no seu limite clarividente, expressaria de forma límpida o espírito germânico como o protótipo originário da

¹ Em: Do espírito americano (DONATO, Claudio. 2015, p. 9).

própria ideia de liberdade. Este pensamento deve ser questionado agora sob o prisma dos desdobramentos atuais do espírito americano e do espírito técnico, paradigmas autoreferentes da modernidade, que tornam mais claro e nítido não somente o antigo espírito germânico, mas, e, sobretudo, torna mais evidente o novo espírito americano que, no fundo, são o mesmo espírito que imprime à nossa época sua marca profunda e indelével carregada de passado e repleta de futuros. Futuros perigosos. Perigosos futuros.

O espírito atualmente americano co-determina todas as instâncias da vida em sentido amplo: cultura, política, economia, ciências e psicologia. Isto porque todas as instâncias de nossa vida foram reduzidas, na modernidade, a uma tal cibernética, cujo princípio básico (fundamental) é: informação e controle.